

HIEROGLIFOS E ARTE: DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA

*Margaret Marchiori Bakos**

Há, no mínimo, quatro razões para se trazer à baila os hieróglifos, quando o tema é o antigo Egito. A primeira delas diz respeito ao seu valor como fonte histórica privilegiada, tornando acessível a análise dos egípcios antigos, tal como é feita por eles próprios, ao invés de examiná-los via olhar de seus dominadores – especialmente os gregos e os romanos –, como era feito até o século XIX. Daí a importância do achado da Pedra de Roseta – um mesmo texto, escrito em duas línguas, a egípcia e a grega, registrado em três escritas: a hieroglífica, a demótica e a helena – que oferece a possibilidade espetacular de decifração dessa escrita, levando à criação de uma ciência: a egiptologia.

A segunda razão é de cunho estético e refere à natureza da escrita hieroglífica que, em lugar de letras, utiliza signos tomados de empréstimo de seu contexto de criação, o que, de certa forma, instiga e aumenta a magia desses signos milenares. Trata-se da mais bela forma, já inventada, de grafar uma linguagem falada. Por ter sido feita em inscrições harmoniosas e em cores, sendo que algumas ainda permanecem, ela, por si mesmo, seduz.

Assim, mesmo sem saber os seus significados originais, alguns desses signos gráficos - os obeliscos, a esfinge e as pirâmides de Gizah, por exemplo -, usados também na construção de monumentos colossais, foram transportados do Egito para outros lugares, copiados e são hoje ícones de domínio público universal, constituindo-se em patrimônio da humanidade. As pessoas encontram esses hieróglifos, reproduzidos de diferentes formas no seu cotidiano mas, raramente, relacionam os ícones com os seus significados originais. Cabe ao historiador informar esses conhecimentos de que, por exemplo, os obeliscos e as pirâmides representavam raios de sol e a esfinge era, para os egípcios, uma imagem protetora, em lugar da maléfica, sentido dado pelos gregos.

Na origem, situadas no nordeste da África, na região hoje chamada de Magreb, as formas desses três hieróglifos migraram ao longo dos milênios para todo o mundo,

* Profa. Dra. Adjunta do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS).

levados pelas práticas de egiptofilia e egiptomania. Mesmo após o período de proibição de seu uso, no IV d.C., os hieróglifos foram copiados, e, se os seus sentidos durante séculos estiveram perdidos, em 1822, a partir da decifração de seus significantes fonéticos por François Champollion, eles retornam com a criação da egiptologia.

Finalmente, a última e talvez a mais relevante razão para estimular o diálogo entre a escrita do antigo Egito e Clio, na pedagogia da história, se deve ao fato de que hoje os ícones estão de volta à moda (HENRIQUES, 2008)! Assim, cabe examinar a capacidade que os hieróglifos ainda têm de mobilização, de entrar em sintonia com os jovens, provocando-lhes emoções. Como ensina Paulo Freire, o conhecimento é produto da interação com a realidade, o mundo material e as sensações imediatas por ela causada e/ou por suas representações.

A experiência tem demonstrado que ao se defrontarem com uma escrita tão antiga, que comunica de forma semelhante àquela a que desde criança estão habituados, os estudantes passam a se interessar pela história dos seus criadores e, conseqüentemente, da humanidade! Mesmo aqueles alunos, sisudos, ensimesmados, acham graça, falam e interagem vivamente com a história daquelas pessoas que, há milênios, inventaram os hieróglifos. Isto acontece porque, enquanto escrita, os ícones ainda *falam* para eles sobre sentimentos, amores, bichos e moradias, de uma forma mais universal, quase primitiva. Empregam uma forma de linguagem – a imagética - comum a todos os homens, que os jovens, como todos nós, são chamados a prestar atenção de pronto, sem a necessidade da leitura de discursos longos, às vezes, incompreensíveis para eles.

Com a invasão das imagens, no mundo contemporâneo, que começa pelo cinema mudo, mas toma forma e é presença diária em nossas casas com a televisão, os ícones voltam ao cotidiano da humanidade! Eles cercam os homens, vindos de todos os lados, de várias formas e por diferentes meios de comunicação. Vejam-se, por exemplo, os *outdoors* publicitários que decoram ruas e estradas; os *emoticons* da internet; os sinais de trânsito. Até mesmo, nos tradicionais livros didáticos, novos métodos de alfabetização, na língua nacional e nas estrangeiras, adotam imagens para ensinar às crianças as relações entre a fonética e a grafia das palavras.

Sobre os *emoticons*, Claudio Cezar Henriques - doutor em letras e professor universitário, - pergunta: *essa geração que, na escola, se mostra arredia ao texto é a mesma que, criativamente, no mínimo, invade os correios eletrônicos com escritas simbólicas enigmáticas?* Acreditamos que sim! Nada mais natural dessa forma que, neste 3º milênio, seis mil anos após sua criação, se façam novos usos dos hieróglifos Egípcios para travar um diálogo com Clio, a musa da História, na mitologia grega. Afinal, o que pode ser mais emocionante e desejável para os humanos, condenados a uma existência curta, do que a proposta de uma viagem no tempo, da atualidade em direção ao período faraônico, rumo aos segredos da escrita, pelas asas de seus ícones?

Os hieróglifos, em princípio, são signos icônicos, imagens dotadas simultaneamente de uma força metonímica e metafórica, característica que lhes confere o poder de transportar, via decodificação, seus intérpretes atuais ao imaginário dos antigos escribas. Os hieróglifos têm, por vezes, o objetivo de mostrar uma coisa, ao mesmo tempo que dizem de outra. Os escribas antigos sabiam como lidar com essa condição que todos os signos possuem de remeterem a diferentes sentidos, mas isto se perdeu, ao longo da história das conquistas sofridas pelo Egito.

Essa competência só retorna, na modernidade, com as técnicas da interpretação desenvolvidas pela hermenêutica para a compreensão dos textos bíblicos quando, ensina Michel de Certeau, recuperou-se a preocupação com os diferentes sentidos dos textos, a qual já era manejada pelos antigos egípcios. O primeiro a alertar sobre esse poder metafórico dos hieróglifos foi um filósofo, Giambattista Vico (1668-1744), por tal razão, considerado por alguns egiptólogos, como um dos homens mais sábios de sua época!

É, nessa perspectiva apontada por Vico, que apresentamos neste texto essa reflexão sobre o importante papel dos estudos dos sinais hieróglifos na educação, na atualidade. Nosso pensamento é fortificado, pela ótica de Hanna Arendt, sobre o papel das metáforas: *são fios com que o espírito se prende ao mundo, mesmo nos momentos em que, desatento, perde o contato direto com ele.* Ainda, pelo pensamento da autora, captamos a propriedade dos hieróglifos de garantir *a unidade da experiência humana.* Em sua visão teórica Arendt está em sintonia, como se pode ver adiante, com a relevância conferida pelos egípcios antigos aos hieróglifos, quando a filósofa ensina que o puro nomear das coisas, a criação de palavras, constitui-se na maneira humana de

apropriação do mundo, no qual cada um de nós, nasce como um recém-chegado, como um estrangeiro, de outro, enquanto os antigos egípcios diziam que a escrita era um ato de criação!

Segundo a doutora em semiótica - Elizabeth Duarte - o homem falou antes metaforicamente; o sentido *primeiro*, referencial, foi encontrado depois. Para essa autora, o que os semioticistas chamam de denotação é, assim, simplesmente, o congelamento momentâneo de um signo, sobre o qual, imediatamente, os homens passam a propor novos sentidos, novas metáforas, novas conotações. Nesse sentido, o que distingue os hieróglifos de outros tipos de signos, é o seu caráter aparentemente icônico. É que, do ponto de vista da expressão, eles remetem a imagens familiares que, nem sempre, correspondem aos seus sentidos. Por isso, são enganadores. Apontam para algo que não são. Mas não poderia ser diferente, pois, sem essa possibilidade de remissão a outros sentidos, a outros conteúdos, perderiam o seu estatuto de signo.

É preciso cuidar, como alerta Ciro Flamarion Cardoso, pois a relação de um ícone com aquilo que ele representa nunca é identidade completa, mas sim, parcial. O ícone coincide com o seu objeto em uma série de traços, não todos, o que quer dizer que todo ícone tem aspectos icônicos e não-icônicos. Assim, deve-se evitar o mau uso das fontes, neste caso e específico, as imagens dos hieróglifos, porque podem induzir a falsas generalizações.

Dessa forma, abordar o Egito antigo via decifração das metáforas contidas nos *hieróglifos* é um modo distinto, desafiador e divertido de se chegar ao passado da humanidade, aos egípcios e a seus contemporâneos, os mesopotâmicos, os fenícios, os cretenses, os hebreus e outras centenas de tribos nômades africanas, indo européias e orientais, modo esse que se assemelha àquele dos viajantes que buscam, transpondo espaços, chegar a algum lugar distante.

Como fazer isto? Simples! Basta planejar os objetivos, as questões e se faz o roteiro da viagem, coisa bastante familiar a um professor de história, que pelo hábito da pesquisa sobre tempos passados, já dispõe de alguma experiência.

O que são os hieróglifos?

Egiptólogos britânicos fornecem as pistas para se encontrar a resposta: Alan Gardiner que, por seu trabalho com os hieróglifos, recebeu, em 1963, a Ordem dos Cavaleiros, ensina que a escrita hieroglífica é um *ramo da pintura*; Geoffrey Martin, outro célebre pesquisador que deslindou o mistério sobre o período que se sucedeu à morte de Akhenaton, o faraó herético, explica que a *arte egípcia é funerária, mas não funérea*. A arte egípcia, diz ele, embora amplamente funerária e religiosa, em parte por acidente ou sobrevivência, é uma evocação alegre da vida. Segundo Martin, a arte egípcia é *frequentemente uma evocação alegre da vida e sua continuação para a eternidade*.

Para entender essas dicas, é preciso levar em conta que, na escrita hieroglífica, há duas classes de sinais: os *ideogramas*, ou sinais com sentido (do grego *idea* = forma e *gramma* = escrita); e os *fonogramas* (do grego *phoné* = som e *gramma* = escrita), ou formas de registrar os sons.

No sentido estrito, os ideogramas representam antes palavras que objetos ou noções a eles conectadas. Entretanto, essa articulação signo/palavra acaba por obscurecer a clara distinção do que o ideograma significa. Por exemplo, o objeto apresenta o sol, ou seja, o astro, ou alguma outra noção a ele articulada, tal como a de dia. Quando seguido de um ou mais fonogramas, o ideograma é chamado de determinativo. Os genéricos são aqueles que servem para determinar um número considerável de palavras, podendo expressar o *tipo* de sentido a partir deles gerado, e, não, um conteúdo específico. Por exemplo, a imagem de um homem sentado com a mão na boca pode ser o indicativo de falar, beber ou pensar, ou, ainda, funcionar como o determinativo de uma ação: a de amar.

O ideograma, segundo Patané, é fruto de um estado de espírito voltado inteiramente ao exterior e ao material. Daí por que, para esse egiptólogo:

as expressões egípcias são naturalmente poéticas, mas o tradutor deve transpô-las para uma linguagem mais precisa. Assim, no momento que os egípcios dizem água ou pedra, o moderno tradutor, em um contexto preciso, diz esperma e concha (PATANÉ, 1987, p. 55).

Veja-se, por exemplo, o ideograma determinativo de *cidade*, que é um círculo ao redor de uma cruz em diagonal. Segundo alguns, o sinal significa os pontos cardeais; já para outros, ruas que se cruzam. Se os últimos estão corretos, os arquitetos egípcios desenvolveram os planos de ruas e cidades 2.000 anos antes de Hippodamus de Mileto, que, no século V a.C., introduziu, na Grécia antiga um sistema de planejamento urbano.

Geneviève Sée, reforçando esse posicionamento, ainda acrescenta que esse hieroglifo resgata a história de aglomerações, nascidas no cruzamento de caminhos, protegidas por paliçadas circulares, constituindo um modelo que se mantém até à configuração do *cardo-decumanos* dos romanos. Nessa ótica, esse hieroglifo passa a ser a chave de um *urbanismo raiado* em volta de um centro, que é o seu *coração e alma*. Geneviève exemplifica o seu raciocínio com a análise dos vestígios da cidade d'Athribis, que configuram, à perfeição, a imagem do hieroglifo determinativo de cidade.



Figura 1 - Hieroglifo determinativo de cidade.
(segundo Griffith)

Como saber o significado atribuído pelos seus criadores? Talvez, mais importante que essa descoberta, seja buscar o uso do signo no seu contexto de criação. Este hieróglifo, por exemplo, apontou e levantou questões acerca da importância da construção de cidades e cidades-fortalezas na formação do Império Egípcio antigo. Isso ocorreu em períodos tão remotos quanto o do governo do Faraó Usekaf (2498-2491 a.C.), da quinta dinastia. O signo ainda gera forte debate em torno da existência de diferenças significativas entre o modo de vida dos contextos urbanos: as capitais nacionais e os vilarejos, no antigo Egito. Tais distinções, atualmente, podem ser analisadas e reavaliadas através de pesquisas bibliográficas, pela disponibilidade de textos de cunho etno literários, segundo expressão de Ciro Flamarion Cardoso, já traduzidos e publicados.

A segunda classe de sinais são os fonogramas, símbolos usados para transcrever os sons da linguagem falada, que, embora em sua origem, possivelmente, tenham sido

ideogramas e, em muitos casos, ainda sejam empregados em diferentes lugares como tal, adquiriram, posteriormente, valor fonético. Há três tipos de sinais fonéticos: os *unilaterais* e/ou *sinais alfabéticos*, que representam simples consoantes; os *biliterais*, que são combinações de duas consoantes e os *trilaterais*, que são combinações de três consoantes.

Existem centenas de determinativos que representam desde coisas cósmicas: céu, terra, estrelas, incluindo figuras de seres humanos, animais, pássaros, peixes, edificações, barcos, plantas, até pequenos objetos da vida diária dos antigos egípcios.

Quando os hieróglifos foram criados?

A paleta de Narmer é o mais antigo objeto encontrado a apresentar procedimentos da comunicação escrita, que, a partir de então, estão presentes ao longo de toda a história do Egito, sendo fundamentais quando se tentam entender os princípios básicos de transmissão de valores e as habilidades exigidas dos escribas para esse fim.

A paleta de Narmer relata a forma como foi obtida a unidade entre o alto e o baixo Egito com vistas a gravar as vitórias do faraó sobre os inimigos


Assim, a paleta de Narmer é, ao mesmo tempo, o primeiro registro em hieróglifos, e um exemplar único de obra de arte como mensagem de cunho histórico. Ela exhibe figuras humanas grandiosas feitas para evidenciar suas posições de comando. No caso, essas figuras referem o faraó, marcando sua soberania, em relação a outras imagens, cuja pequenez e postura indicam a submissão dos inimigos vencidos. Acompanhando essas imagens, aparecem, na paleta, os primeiros registros em hieróglifos de que se tem conhecimento.


Nessa paleta, pela primeira vez, o faraó é representado na sua forma humana, em lugar do animal. Os bichos denotativos do faraó, que ainda ilustram setores dessa paleta, são o falcão e o touro, apontados pelas suas características próprias: o primeiro, pela rapidez e a agilidade no ataque; e o segundo, pela força bruta e a capacidade explícita de reprodutor de sua espécie.

Assim, esse objeto é triplamente importante como ilustração da presente reflexão, pois evidencia as habilidades do escriba como desenhista, os seus

conhecimentos sobre a relação existente entre o tamanho de uma imagem e o poder que esse tamanho lhe confere, no conjunto das figuras, bem como o seu domínio e capacidade na utilização da estrutura *mista* dos hieróglifos, ainda em fase de gênese, constituída de ideogramas e de fonogramas. Na paleta, o falcão e o touro, que representam o faraó, são ideogramas, e o nome desse governante - Narmer - também está registrado foneticamente através de dois hieróglifos: um representado pelo peixe

 e o outro pelo cinzel , que expressam os sons *nr* e *mr*, respectivamente.

O faraó Narmer, que, em um dos lados da paleta, porta a coroa branca do Alto Egito , enquanto, no outro, segura uma maçã, importante símbolo de poder, e usa a

coroa vermelha do Baixo Egito , parece ter sido o primeiro monarca a ostentar ambos os símbolos. Esse fato que confere extraordinária importância histórica a essa lousa, como o mais antigo exemplo de documento em grafia hieroglífica, a demonstrar a unificação dos dois reinos sob um único governante e a representá-lo em sua forma humana.

Os sinais *determinativos* possibilitam distinguir palavras homógrafas, ou seja, que possuem a mesma grafia, mas significados diferentes. Tais sinais estão sempre localizados, nos textos egípcios, após o final das palavras escritas pelos hieróglifos fonéticos, servindo para indicar o sentido geral daquele conjunto de sinais que os precedem; eles são, tais como os outros sinais, auxiliares da memória,

Pela palavra, os egípcios antigos garantem a repetição do mito, do acontecimento extraordinário, porque, ocorrido uma só vez, ele cairia no esquecimento: o registro de sua memória garante a fama do faraó e do império.

O que se escrevia em hieróglifos, como, para quem?

Dentre os princípios dessa escrita destaca-se, como o mais importante, a ênfase na existência de uma forte hierarquia social, o estímulo à imitação, e, finalmente, a obrigatoriedade de cópia e repetição para o seu aprendizado.


Qual o papel e o significado da família na transmissão desses valores e no processo de educação dos jovens? Pouco se sabe do modo como as pessoas eram ensinadas. Os Janssen entendem que essa lacuna tem fundamento na característica dos

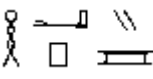
antigos egípcios de mostrar apenas aquilo que é permanente, desprezando o transitório; de ressaltar o resultado de um trabalho e não o modo como ele foi realizado.


Alguns valores e habilidades básicas para a compreensão de seu mundo são vividos pelas crianças egípcias desde a mais tenra idade. A própria condição agrária daquele povo residente às margens de um grande rio, leva-o a acumular e a transmitir, desde tempos imemoriais, noções sobre a agrimensura e as ciências que lhes servem de base: a geometria, a astronomia e a matemática.

São fundamentais, no Egito, por exemplo, as relações entre os homens e as cores da natureza. Elas denotam as diferenças entre o espaço da vida e o da morte. O

deserto:  (dashret) a terra vermelha, que é temida; o Egito, a terra preta:


 (kemet) que é amada e abençoada dos deuses com o rio Nilo:

 (Hapy). Para além das montanhas rochosas que delimitam o início do dasrhet, vivem populações que os egípcios julgavam desprezadas pelos deuses, pois elas

obtêm a água de que necessitam para viver das chuvas:  (Hyt) pouco

regulares, se comparadas com as regradas enchentes anuais do Nilo, que tornam o Egito tão próspero a ponto de ser conhecido como o *celeiro da antiguidade e*, nas palavras de Heródoto, uma *dádiva* do rio. É mister notar, para denotar a complexidade dessa escrita que, entre os ícones, que formam a expressão que escreve chuva encontra-se o ideograma de velho, representado por uma figura humana apoiada em um bastão. Esse ícone tem função de determinativo na construção das palavras que indicam o sentido ainda de chefe e seco, entre outros. Na palavra chuva, entretanto, o significado do ideograma é outro, pois o sentido para chuva é indicado pelos três traços horizontais, determinativos de água.

Igualmente complexo é o entendimento de muitas outras expressões. Assim, muito embora não exista nenhuma palavra que designe união estável, acontece o fato de um casal *estabelecer uma moradia comum*. A partir daí, a denominação da mulher passa

a ser a de *a senhora da casa*  (nbt pr), o que sugere que o matrimônio, para os antigos egípcios, é mais um ato individual, que uma relação legalizada. O objetivo mais

importante dessa união é ter um filho, especialmente um menino, não somente para continuar a família, mas também para providenciar o enterramento apropriado para seus pais e assegurar que os rituais funerários corretos sejam feitos (STEAD, 1986, p. 18).

No âmbito familiar, os rebentos, desde cedo, são induzidos a valorizar a importância da palavra: quando do nascimento, eles recebem uma denominação. Como orienta o pensamento mítico, é preciso nomear alguma coisa ou pessoa, para lhe conferir vida, existência. Geralmente cabe à mãe, ou, eventualmente, a alguém próximo no ato de parto, a escolha do nome do bebê. Esse apelativo tem muita importância, pois a criança o carrega no futuro e pode relacioná-lo a várias coisas, normalmente positivas. Exemplificando, o nome pode significar uma qualidade física: Wersu: *ele é grande*; uma origem, Paneshy: *o Núbio*; ou uma homenagem a um deus, Dhutmose: *Thot vive*.

Ensina Rocatti que, ao escriba qualificado, o sacerdote leitor, cabe a criação de novos termos e, aos demais, o conhecimento para fazer a leitura. Assim, segundo esse autor, a escrita passa a unificar grande quantidade de dialetos falados do norte ao sul do Egito. Por tais razões, alerta Cueva:

Quando trabalhamos com uma linguagem figurada é impossível dispensar a linguagem escrita. O caráter da escrita hieroglífica, que é a que em geral aparece vinculada às cenas em templos e tumbas, forma uma unidade com as ditas representações. Explica ou complementa a tal ponto, que ambas, imagens e escrita formam um todo indissolúvel (CUEVA, 2000, p.165).

Achamos importante o olhar de Paul Ricoeur, nas palavras de Costa, de que a escrita, tal como a pintura, não é uma cópia redutora da realidade, mas um meio para ampliar e dar sentido ao universo. Assim, tomamos a postura teórica de Ricoeur como ancora para nossa análise dos hieróglifos, a partir das conclusões de Gardiner e Martin, já referidas. A iconicidade significa, para Ricoeur, a revelação de um real mais real do que a realidade ordinária. Tal dialética exprime, para Ricoeur, a própria condição humana na sua historicidade, contra a ilusão de um saber que a si próprio se possuiria de uma forma imediata e absoluta. É a fundamental questão da nossa pertença a uma tradição que se encontra aqui em jogo: a apropriação que permite a autocompreensão depende de um confronto com a alteridade e a distanciação (COSTA, 1995, p. 23).

Lendo os hieróglifos, encontram-se ainda traços da história da civilização grego-romana, judaico-cristã. Esses indícios estão presentes desde os primeiros contatos do

povo faraônico com os vizinhos das terras continentais, bem como de suas ilhas: Creta, Chipre e o arquipélago das Cíclades. Foi nessa bacia do Mediterrâneo Oriental que, em lugar do chamado milagre grego acontece de fato uma extraordinária fusão dos conhecimentos advindos do que hoje se chama de Magreb, África Negra, Ásia e Europa.

Qual a origem dos hieróglifos?

Os egípcios antigos acreditam que a escrita tenha sido ensinada aos homens por um deus: Thot, que, adotado pelos gregos, recebe o nome de Hermes e torna-se símbolo de tudo o que implica astúcia, artil e trapaça. Se os egípcios consideram sua escrita mágica, os gregos ajudam a manter esse sentido com o termo hieróglifo, que significa *escrita sagrada*. Ensina Platão (427-327 a.C), em seu diálogo sobre a beleza e o amor – Fedro - que foi Thot *que inventou os números e o cálculo*.

Os gregos também impingiram sua língua e escrita aos egípcios antigos. Este fato reforça o mito e cria um véu que leva ao esquecimento das características básicas dos hieróglifos, feitas a partir das escolhas dos escribas: o duplo poder que as imagens conservam, de um lado, de mostrarem a si mesmas; de outro, de representarem um ou mais sons. A elite que domina esse conhecimento, provavelmente, informa Cerny (1898-1970), torna a atividade do escriba hereditária. Ele se dedicou ao estudo da vila de Deir el Medina onde viveram os trabalhadores que construíram e decoraram as tumbas dos faraós, dos familiares e da nobreza em um período brilhante do antigo Egito: o Novo Reino. O sábio pesquisou a família do escriba Ipuw, a partir da descoberta de um grafite, em uma rocha, na vila. O autor do rabisco chama-se Dhutmose, um escriba real, que dessa forma indicava os familiares que o tinham precedido na função:

Seu bisavô – o escriba real – Amennakht

Seu avô – o escriba real – Harshire

Seu pai – o escriba real – Khaemdje

Assim, se por um lado, encontramos o filósofo, Jacques Derrida, a defender que os hieróglifos, na origem, são uma forma de poder, pode-se comprovar que eles se tornam, logo, uma forma de chegar ao poder. Basta para isso lembrar a prática da adoção, nas cortes faraônicas e também a existência dos chamados *irmãos de leite* dos

jovens príncipes. De fato, as muitas esposas e concubinas dos faraós têm necessidade de amas de leite, pois a amamentação, por três anos, é fundamental para a sobrevivência dos bebês. Assim, os filhos dessas amas passam a ter o privilégio de frequentar as Kaps, escolas, que a partir da XVIII dinastia, são construídas anexas aos palácios reais. Por certo, a educação, nesses locais, é uma forma de ascensão social, como também o são as práticas militares, no decorrer principalmente do mesmo período.

Há outro ponto muito importante na história das escritas egípcias, que mostram a atualidade do seu estudo. Este aspecto é também muito valorizado por Jacques Derrida. Segundo esse autor, a história das escritas egípcias é fascinante pela sua transformação, de pictográfica - os hieróglifos -, em duas escritas cursivas: a hierática, demótica e, finalmente, a cóptica, primeira escrita alfabética, construída com caracteres gregos e sinais da demótica. Isso demonstra a existência, no antigo Egito, de um processo de economia de ação, de início imperceptível, como notamos que acontece nos *blogs* atualmente demonstráveis pelas imagens e grafia encobertas dos *emoticons*. Tal como a que acompanha esses ícones, as cursivas Egípcias antigas, são escritas que, como véus, se sobrepõem às anteriores, formando um vocabulário, que, em princípio, é para domínio de todos, mas termina por se tornar, para muitos, um código indecifrável.

O que falam os hieróglifos sobre hábitos e costumes?

Inexiste uma história do Egito antigo sem a consulta às fontes grafadas pelos hieróglifos; porém, nas análises de cunho historiográfico sobre o mundo antigo, no entanto, mormente se acusam os antigos egípcios de só terem deixado registros históricos fragmentados e breves. Em contrapartida, por motivos semelhantes, será que os blogs atuais poderão ser desprezados como fontes históricas do 3º milênio? Certamente que não, pois eles registram fatos da maior importância sobre os dias atuais e sua gente, para cujo entendimento dos sentidos, eles devem ser considerados!

Segundo Ciro Flamarion Cardoso, em se tratando de sociedades que não definem com clareza o status dos autores:

... dever-se-ia falar meramente de textos etnoliterários, ou seja, que em suas culturas de origem desempenhavam funções não literárias (rituais, por exemplo), mas que escolhemos tratar como se literários fossem.
(CARDOSO, 2003, p. 51)

Ler esses textos, pois, e fazer análises de cunho lingüístico e gráfico, quando for possível o estudo nas escritas originais; identificar a sua estratégia organizativa, as adjetivações, as referências metafóricas; comparar e fazer conexões com episódios conduz à interpretação propriamente dita: ao desdobramento, gênese e entendimento dos indícios encontrados do passado. Esse é, ainda, o roteiro de descoberta do significado dos hieróglifos empreendido por François Champollion, percurso esse que traz consigo a alegria que o conhecimento dos sentidos de alguns hieróglifos provoca em adultos e crianças.

E o que existe de mais importante na prática de um professor de História do que despertar para esse sentido de pertencimento e de aproximação entre pessoas, de/ através de várias épocas, passadas e futuras? Como conclusão, parodiando Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), em poema que lhe deu notoriedade no meio intelectual nacional e internacional: *Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra. (...) Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas.*

Os significados do poema, até hoje discutidos, talvez, para os egiptólogos, sejam alusivos ao encontro da Pedra de Roseta, em 1799, sem a qual seria impossível a decifração dos hieróglifos e o uso deles pelos historiadores atualmente, seja para sua erudição, lazer e/ou em práticas pedagógicas, na interface de um diálogo inovador e instigante entre seus aprendizes e Clio.

Bibliografia

- ARENDDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- ARIÉS, Ph. *O tempo da História*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- BAKOS, M. M. *Fatos e Mitos do antigo Egito*. Porto Alegre: EDIPUC / BAKOS, 2003.
- BAKOS, M.M. Desdobramento de um desejo. In: FUNARI, P.P. (Org.). *Amor, desejo e poder na Antigüidade*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.
- BAKOS, M.M. *Egiptomania. O Egito antigo no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CARDOSO, C. F. Gênero e literatura ficcional: o caso do antigo Egito no IIº milênio. In: FUNARI, P.P et alii. (Org). *Amor, desejo e poder na antigüidade*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

- CARDOSO, C.F. Também com a imagem se faz história. *Cadernos do ICHF*. Niterói, n°32, set. 1990.
- CARDOSO, C.F. Iconografia e história. In: *Revista Interdisciplinar de Cultura do Centro de Memória UNICAMP*. Rio de Janeiro: Papyrus / Resgate, n°1, 1990.
- CLAYTON, P. *Chronicle of the Pharaohs*. London: Thames and Hudson, 1994.
- COSTA, M. S.D. *Sobre a teoria da Interpretação de Paul Ricoeur*. Porto: Edições Contraponto, 1995.
- CUEVA, CUEVA, Ma. C. La imagen de lo femenino em el arte egípcio. In: POLO, M.A.; ANTEQUERA, D. *Aute Arte y sociedad Del Egipto Antiguo*. Madrid: Encuentro ediciones, 2000.
- DUARTE, E. B. *Fotos & grafias*. São Leopoldo: Unisinos, 2000.
- HENRIQUES, C. C. A volta dos hieróglifos. Documents and settings/Local Settings/Temporary Internet Files, 26/5/2008, 16 h.
- JANSEN, R.; JANSEN, J. *Growing up in ancient Egypt*. London: The Rubicon Press, 1990.
- MARTIN, G. Funerária, mas não funérea: reflexões sobre a arte egípcia da XVIII dinastia. In: BAKOS, M.M. *Anais do IV Simpósio de História Antiga e I Ciclo Internacional de História Antiga Oriental*. Porto Alegre: UFRGS, 1990.
- PATANÈ, M. G. Vico et l'Égypte. *Discussions in Egyptology*, 7, 1987: 51-58.
- ROCCATI, A. O escriba. In: DONADONI, S. (Org.) *O homem egípcio*. Lisboa: Presença, 1994. p. 59-79.
- STEAD, M. *Egyptian Life*. London: British Museum, 1986
- DERRIDA, J. *Essai sur les hieroglyphes*. Paris: Aubier Montaigne, 1977.

Agradeço o convite de Fábio de Souza Lessa e Regina Bustamante (LHIA) para participar do XVIII Ciclo de Debates em História Antiga, em setembro de 2008, cujo mote, *dialogando com Clio*, inspirou minha fala. Neste capítulo, sintetizo a conferência proferida naquele evento.